

CONTOS INFANTIS E MULHER: REPRESENTAÇÃO FEMININA NOS CONTOS NORDESTINOS DE SÍLVIO ROMERO¹

Heline Maria Furtado Silva;

Mestranda Programa de Pós Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica-PPGEEB
Universidade Federal do Maranhão – helinefurtado@yahoo.com.br

Franciane da Silva e Silva;

Mestranda Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências e Matemática
Universidade Federal do Maranhão- franciane.ocs@gmail.com

Clara Virgínia Vieira Carvalho Oliveira Marques.

Doutora em Ensino de Ciências
Universidade Federal do Maranhão - clara.marques@ufma.br

Resumo

Este artigo discute o sobre a mulher na literatura infantil, a partir da investigação de Sílvio Romero organizados no livro “Contos Populares do Brasil”, em particular os contos de origem europeia (ariana). Nestes, buscar-se-á, em particular, a representação social da mulher, como este é definido e como tem sido tratado nos textos de literatura infantil, considerando que os contos arrolados pelo pesquisador, apesar de denominados populares, pertencem também ao universo infantil, e são, por esta razão, portadores de toda uma carga ideológica que visa à implementação de um modelo de conduta social ou pelo menos a manutenção dos papéis sociais já instituídos pela sociedade.

Palavras-chave: Conto, Mulher, Infância.

INTRODUÇÃO

Contos são narrativas, expressão do maravilhoso, linguagem que fala dos prodígios fantásticos, oralmente transmitidos de gerações a gerações, adquirindo uma formulação artística literária, caracterizando-se a partir do domínio coletivo da linguagem para o universo do estilo individual de um certo escritor (REIS, 1987 *apud* MARIA, 1992, P.10). Por origem, os contos introduziram-se no país por meio de um processo de importação cultural das histórias estrangeiras, pontualmente as europeias, portuguesas e alemãs, bem como, outros também tiveram assentamento marcante devido ao fato da literatura ser um instrumento de forte poder propagador de modelos de leitura (CADEMARTORI, 2006). O que se pode afirmar é que todos os povos, em todas as épocas, cultivaram seus contos. Contos anônimos, preservados pela tradição, mantiveram valores e costumes, ajudaram a explicar a história, iluminaram as noites dos tempos (REIS, 1987).

Em “Contos populares do Brasil”, Sílvio Romero¹ segue os mesmos passos que os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm na Alemanha do séc. XIX, quando estes saíram à procura das

¹ Sílvio Romero (S. Vasconcelos da Silveira Ramos R.), crítico, ensaísta, folclorista, polemista, professor e historiador da literatura brasileira, nasceu e lagarto, SE, em 21 de abril de 1851, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 18 de julho de 1914. Fundou a cadeira nº 17 da Academia Brasileira de Letras, em 28 de janeiro de 1987.

histórias, lendas, mitos daquele povo. Romero buscou nas contadoras de histórias o rico acervo que compõe sua obra, situando, inclusive, o lugar de origem daquele conto. Assim, sua obra registra tanto as tradições do povo, quanto a maneira como este povo se percebe, pois nos contos é patente o deflagrar das funções de cada um, homem e mulher, na composição de uma sociedade que já se considerava evoluída (ROMERO, 2000).

Desta forma, Romero distribui seus contos em grupos de acordo com a origem dos mesmos, dessa forma, sua obra está dividida em três blocos: (I) os contos de origem europeia, (II) os de origem africana e (III) os de origem indígena (ROMERO, 2000). Para efeito deste estudo privilegiou-se os contos de origem europeia, uma vez que caracterizam efetivamente enquanto contos (nos outros grupos predominam-se as definições de fábulas) apresentando personagens humanas que se relacionam entre si e ambientam-se na realidade brasileira.

É patente nos contos citados, no que tange a questão de gênero, a presença de uma ideologia marcadamente masculina e de uma ordem hierárquica que não pode ser contrariada. O poder da autoridade masculina/patriarcal manifesta-se à mulher de forma absoluta e inquestionável, sujeitando-a, se ousar romper estes paradigmas receberá severas punições. Diante deste contexto, existem indagações latentes como: (I) quem é a mulher na literatura infantil? (II) Que função lhe cabe desempenhar? (III) Como a sociedade definiu seu papel? (IV) A que foram destinadas? E, principalmente, (V) Como a literatura tem contribuído para manter ou não esses modelos? São perguntas que no decorrer deste trabalho trata-se de discuti-las, problematizando-as como forma de emergir e refletir acerca da questão.

REPRESENTAÇÃO DA MULHER NOS CONTOS

A visão social da mulher pode ser identificada, ao longo do tempo, expressivamente através da literatura (CADEMARTORI, 2006). Pode-se definir atualmente, que o papel social da mulher revela-se amplo e multifacetado, ainda embora sofra limitações em certo pontos, como por exemplo, a violência contra ela por parte do homem (e do estado social), que ainda é uma constante, que o diga a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340). No que tange o papel da mulher nos contos, pode-se iniciar-se pela visão de uma fórmula de compilação e narração de contos, até então mantidos no ideário popular, adaptada nas “mil e uma noites” que foi largamente adotada e repetida por muitos autores nos anos subsequentes. Codificado provavelmente entre os séculos XIII e XVI, a história conta que o rei persa *Shariar*, vítima de infidelidade de sua mulher, mandou matá-la e resolveu passar cada noite com uma esposa diferente, que mandava degolar na manhã seguinte. Seguidamente a tantas esposas, recebeu como mulher Sherazade,

que iniciou a narração de um conto que despertou o interesse do rei em ouvi-la a continuar o conto na noite seguinte. Assim, Sherazade, com imaginação e criatividade, conseguiu encantar e prender a atenção do monarca por mil e uma noites e foi poupada da morte (REIS, 1987).

Aos poucos, novas modalidades de contos foram surgindo, diferenciando-se dos contos infantis e dos contos populares, regidos agora por uma nova maneira de narrar, de acordo com a época, os movimentos artísticos que essa época produziu e o estilo individual do autor/narrador.

O CONTO INFANTIL BRASILEIRO E A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MULHER NA ÓTICA DE SILVIO ROMERO

Conto infantil é considerado como aquele oriundo de outras gerações, contado primeiramente às crianças, que ficam adultas e reproduze-os passando aos seus descendentes (COELHO, 2000). Existem várias discussões que defendem as modalidades sobre contos, desde suas origens à forma como se diferenciam ao se apresentar às diferentes gerações, tomando formato artístico e literário e de certa forma caracterizando os autores dos mesmos (REIS, 1987, p.10).

Alguns autores asseguram que o segredo de um conto bem escrito é que, na realidade, todo conto, conta duas histórias, a saber: uma, em primeiro plano e outra, que se constrói em segredo (COELHO, 2000). A arte do contista estaria em entrelaçar ambas e, de apresentar só ao final, o elemento surpresa, revelando assim a história que se construiu abaixo da superfície em que a primeira se desenrola. As duas histórias encontram-se nos pontos de cruzamento que vão dando corpo a ambas, embora o que pareça supérfluo numa seja elemento imprescindível na armação da outra (COELHO, 2000)..

A retórica da literatura mostra os inúmeros contos infantis brasileiros, sendo que muitos deles se destacam entre as preferências das gerações. Entre eles os contos populares de Sílvio Romero que retrata histórias da nossa cultura nos diversos recônditos do Brasil, e que tão claramente retrata a sociedade da época. Nas sociedades tribais e agrícolas, pré-capitalistas, o modelo de família era multigeracional e todos trabalhavam numa mesma unidade econômica de produção. O mundo do trabalho e o mundo doméstico eram coincidentes. O papel de reprodutora da espécie, que cabe à mulher, beneficiou a sua subordinação ao homem, podemos observar claramente no conto *O Rei Andrada*, em que a filha do rei ousou sonhar e contar o sonho, foi morta e retirado o dedo mindinho como prova para o rei. A mulher foi sendo considerada mais frágil e inabilitada para assumir a direção e

chefia do grupo familiar. O homem coligado a ideia de autoridade devido a sua força física e poder de mando assumiu o poder dentro da sociedade, casando-se, a mulher fica subordinada ao homem, como no conto *A princesa roubadeira*. Dessa forma, surgiram as sociedades patriarcais, fundadas no poder do homem, do chefe da família. A ideia de monopólio dos bens, e a garantia da herança dela para as gerações futuras, induziram ao homem a interessar-se pela paternidade. De tal modo, a sexualidade da mulher foi sendo cada vez mais submetida aos interesses do homem, tanto no repasse dos bens materiais, através da herança, como forma dele perpetuar-se através da descendência. A cátedra da mulher foi sendo restrita ao mundo doméstico, submissa ao homem.

Por muitos séculos a mulher foi predestinada e vista como objeto a ser “lapidado” e moldado para obedecer ao que era pregado pela igreja, para satisfazer as expectativas dos pais e posteriormente ao marido, que era escolhido por sua família. No conto *O Bicho Manjaléu* (análogo nas coleções europeias e especialmente portuguesas), o pai vendeu as próprias filhas.

Sob esta ótica, pode-se afirmar que a representação social da mulher nos contos infantis, de uma maneira geral, fora durante um longo período oprimida, discriminada, punida com severos castigos, quando ousava romper os paradigmas instituídos em determinadas épocas.

CONCLUSÕES

A espécie humana para se reproduzir necessita dos dois sexos, masculino e feminino, só ocorre a partir desses dois seres. Para propagação da espécie, os homens e as mulheres foram criando uma relação de convivência constante e permanente. Surgiu à sociedade humana, a partir desse surgimento, começam a definir os papéis para homens e mulheres, sendo a sociedade humana histórica. Surgiram então as sociedades agrícolas e, concomitante a esta sociedade a divisão do trabalho com expressão de diferenciação sexual, marcada desde sempre pela capacidade reprodutora da mulher, a competência de gerar o filho e amamentá-lo. O aprendizado da capacidade de cuidar foi delegado à mulher, embora ela participasse do trabalho do cultivo e da criação de animais.

No entanto, nas sociedades industriais o mundo o trabalho se divide do mundo doméstico, e a mulher passou a ter uma dupla jornada de trabalho. A ela cabia cuidar dos filhos, das tarefas domésticas e também do trabalho remunerado. Indistintamente, a classe social, raça, crédulo, analfabetas, ou cultas, não importa a categoria social, a elas são impostos

certos comportamentos, posturas, atitudes e até pensamentos. As que demonstrassem certas astúcias seriam castigadas severamente.

Muitas mulheres aparecem, no tempo (século XIX), e no espaço (o sertão nordestino), representadas categoricamente na literatura de cordel, e em diversos contos, em testamentos. Há um silenciamento. Nada falaram de seus anseios ou deixaram escritos, pois, eram analfabetas e tiveram que trabalhar pra garantir o seu sustento. A exemplo, as mulheres rendeiras – presentes nas cantigas do nordeste. Porém, sobre sua fé e seus sonhos, nada podemos saber...

No recôndito do nordeste, onde coletados estes contos ora analisados, coletados por Silvio Romero em *Contos populares do Brasil*, especificamente os contos de origem Europeia (ariana - e que tem seus correspondentes nas coleções europeias), neste trabalho objeto de análise, implementado de um modelo de conduta social europeu, ali se gestou uma sociedade fundamentada no patriarcalismo. Estratificada entre homens e mulheres, ricos e pobres, escravos e senhores, entre “brancos” e “caboclos”, originados dos Portugueses, Índios, Africanos e Mestiços, que originaram no corpo das tradições, contos, cantigas, costumes e linguagem do atual povo brasileiro, formado do concurso das três raças, que há séculos se relacionam (Romero, 2000).

No patriarcado, hierarquias rígidas, gradações reconhecidas – em primeiro lugar e acima de tudo, o homem, o político, o fazendeiro, o “culto”. Entre as mulheres, a dama, a senhora, ou dona fulana, ou apenas dona, eram categorias primárias. O princípio da riqueza marcava o reconhecimento social, além da miscigenação – sinal de distinção social e condição de importância naquela época (DEL PRIORE, 2008).

Contudo, percebe-se que a Literatura Infantil, é impregnada de ideologia e poder, as regras, valores e moral, instituída socialmente são transmitidas muito cedo às crianças. A produção e reprodução das diferenças, marcada pela discriminação, segregação e silenciamento da mulher na sociedade.

Assim, buscamos que estas e outras análises que se constituem, em descrições e condições de vida e trabalho, tornar visível aquela que fora ocultada em instâncias e espaços, e dar visibilidade a mulher, inclusive como sujeito da Ciência.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, E. **A arte da sedução: a sexualidade feminina na colônia.** In História das mulheres no Brasil. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

BEZERRA, M. M. A. **O papel das mulheres na elaboração de estratégias de sobrevivência.** In Desenvolvimento, poder e Cultura Política. São Luís: UEMA, 2006.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática.** 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2008.

FRAISSE, G.; PERROT, M. **História das mulheres: o século XIX.** Porto: Edições Afrontamento, 1991.

JACOBINA, E.; KÜHNER, M. H. (orgs.) **Feminino/ Masculino no imaginário de diferentes épocas** – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

MENDES, A. M. **A imagem da mulher na obra de Amélia Bevilácqua.** Tijuca: Editora Caetés, 2004.

RAMINELLI, R. **Eva Tupinambá.** In **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Editora contexto/Unesp, 2004.

REVISTA CONSTRUIR NOTÍCIAS. Recife, PE: Nº 29 – Ano 05 – Julho/Agosto 2006. Circulação Nacional.

ROMERO, S. **Contos Populares do Brasil.** São Paulo: Landy, 2000.

SCHUMAHER, S.; BRASIL, E. V. **Dicionário mulheres do Brasil.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

TOSCANA, M. **Introdução a sociologia educacional.** 10. Ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

VASCONCELLOS, E. **Entre a agulha e a caneta: a mulher na obra de Lima Barreto.** Rio de Janeiro: Lacerda. Editora, 1999.

www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em 10 de agosto de 2016.

ZILBERMAN, R.; LAJOLO, M. **Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira:** história, autores e textos. - 4. Ed – São Paulo: Global, 2005.